

- 1.Reinaldo Moura
- 2.Meio de Semana
- 3.Correio do Povo
- 4.Crônica sobre o paraíso da chácara
- 5.Porto Alegre
- 6.06 de Julho de 1950
- 7.número 230
- 8.Seção - Arte e Literatura
- 9.Bom
- 10.Amélia Ester
- 11.26 de Maio de 1994

REY cli 0399
Sist. 39183

70848

MEIO DE SEMANA

(Especial para o "Correio do Povo")

Reinaldo Moura

Naturalmente ninguém vai realizar as coisas ao pé da letra. Meter a cabeça entre as areias e resolver provisoriamente a situação pela fuga, fazendo desaparecer o mundo. Mas uma chacara sem radio e sem jornais, sem vizinhos e sem telefone, bem pode resolver favoravelmente o desejo de fuga, que é o primeiro

impulso diante dos acontecimentos. Uma chacara de portões sempre fechados onde cresça a enredadeira, onde dê flor a lirica madressilva. Então desaparece a miseria do mundo, desaparecem os dados do problema que a marcha da historia vai dispendo ao longo da vida dos povos, desaparecem os odios gerados pelas situações dos homens nesse romance infinito e sem enredo certo, que é a existencia de todos em conflito com a particularidade de cada um. Uma chacara isolada. Pela manha, nenhum jornal. Está claro que não havendo jornal não pode haver inquietação de especie alguma. Os mortos morrem tão longe, que nem a imaginação os repete na distância, através de tanto silencio. A guerra que se inicia não consegue evitar seus rumores até essa extremidade de isolamento individual. Fechadas sobre a figura do homem, as palpebras da vida passam a esconder de suas retinas todo o quadro exterior à sua pessoa. Não há mais nada que possa perturbá-lo, nada mais existe para dar alimento à sua atenção e criar em seu espirito a vida intensa dos problemas gerais. Uma chacara... Robinson na ilha que o separa de todos, que o afasta das verdades desagradaveis e dos dramas necessarios. Não haverá mais nenhum sofrimento no mundo. Não haverá mais essa odiosa miseria que é tão desagradavel aos olhos da gente farta. Ninguém mais estará sendo esmagado para que o reino do absurdo continue como antes. Nesse silencio tão grande, tão amplo, tão puro de qualquer perturbação, a consciencia se reclinará sobre uma imagem diferente do mundo. A cabeça mergulhada nesse arenoso silencio, o isolado pode pensar em termos de paraiso. Examinará para distrair, de vez em quando, o mapa dos continentes, a figura fisica dos paises,

tes coloridos nessa representação plana, que parecem feitos para o encanto das crianças nas primeiras aulas de geografia. E desse exame recreativo brotará talvez uma nova e estranha noção de poesia. A dos mares e das terras que desconhecemos, onde a paz e a abundancia, a segurança e as possibilidades, a cordialidade facil, a felicidade de todos os homens, sob o ponto de vista do nosso isolamento e das nossas madressilvas, da nossa chacara e ao nosso silencio, devem ser bastante para conservar o mundo no mesmo nivel deste otimismo pessoal dos que se isolam.

Até o momento em que a trovoada universal começar a arder nas labaredas das nossas arvores, na cinza da nossa chacara, no pavor da hora final.